

A rua da lama: gênero, raça e violência no romance de 30

Miriane da Costa Peregrino¹²

Universidade de Mannheim

miriane.peregrino@gmail.com

Resumo: A expressão “rua da lama” aparece em romances de escritores da década de 1930, representando o espaço de prostituição feminina na região nordeste. No presente artigo, mapeamos o uso dessa expressão e discutimos o contexto em que está inserido nas obras de Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, sobretudo. Quem são as mulheres que vão viver nessa rua? As identidades de gênero, classe social e raça se revelam determinantes para este destino comum.

Palavras-chave: Gênero; Racismo; Pós-Escravidão

Abstract: The expression mud street appears in novels by writes of the 1930s, representing the space for female prostitution in the northeast region. In the present article, we map the use of this expression and discuss the context in wich it is inserted in the works of Jorge Amado, Graciliano Ramos and José Lins do Rego. Who are the women going to live on this street? The identities of gender, social class and race are crucial to this common destiny.

Keywords: Genre; Racism; Post-Slavery

Recebido em 14/01/2020

Aceito em 09/02/2020

¹ Miriane Peregrino é doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, é pesquisadora assistente da Universidade de Mannheim, Alemanha. Dedicar-se aos estudos de literaturas em língua portuguesa, formação de campos literários contemporâneos e suas relações com os fenômenos da globalização cultural e pós-colonialismo.

² I am indebted to the Baden-Württemberg Stiftung for the financial support of this research Project by the Eliteprogramme for Postdocs.

Os lugares das mulheres no romance regionalista de 30

O escritor paraibano José Lins do Rego (1901-1957) afirmou que as relações sociais e econômicas nos engenhos entre os senhores, ex-escravos e descendentes era uma forma de continuidade da escravidão e denominou esse processo de *servidão*. Essa *servidão* reafirmaria as diferenças e desigualdades sociais e seria preocupação de muitos romancistas dos anos de 1930, com destaque para o baiano Jorge Amado (1912-2001), e teria vários matizes ideológicas.

Nesse processo de continuação e ampliação da escravidão no início do século XX são emblemáticas as narrativas que abordam as trajetórias de mulheres pobres – negras, mestiças e brancas –, desde uma infância paupérrima, muitas vezes órfãs, passando pelo abuso de seus corpos por homens oriundos de diversas classes sociais, mas sobretudo os latifundiários; até o abandono total e a degradação na prostituição. O destino previsto para essas mulheres, que vivenciavam um ciclo de violência, é chamado *Rua da Lama*. Em estados brasileiros diversos, entre romancistas que talvez ainda nem se conhecessem, é possível constatar que a expressão *Rua da Lama* se repete, denominando o espaço geográfico onde viviam e trabalhavam as prostitutas.

No ciclo da cana-de-açúcar de José Lins do Rego, notamos que há mulheres e mulheres no engenho, assim como há meninos e moleques de engenho. A diferença está na cor e na classe social. O personagem negro Zé Marreira (*Banguê e Usina*) é um bom exemplo disso. De moleque de engenho no Santa Rosa a senhor de engenho do Santa Fé, capitão Zé Marreira, delegado. Apesar da ascensão social, da idade que avança com o tempo, do estado civil (casado e pai de nove filhos), pelas suas costas os brancos o chamam sempre de “moleque”. Na infância, não é permitido ao negro de engenho ser menino, e na vida adulta, ser homem. No entanto, nossa discussão deve partir das mulheres, as geradoras desses moleques. Analisaremos aqui as representações sociais das mulheres negras e mestiças, e das brancas pobres, cujo destino, na esmagadora maioria das vezes, será a prostituição.

As mulheres brancas e ricas têm sempre um lugar ambíguo nesses romances, pois, embora inegavelmente oprimidas pelos homens brancos, são opressoras dos homens negros e, principalmente, das mulheres negras e mestiças. Essa diferença está sempre

marcada, mesmo que sutilmente, nas obras de José Lins.

[*Menino de Engenho*] Nas cozinhas das casas-grandes vivem as brancas e as negras como iguais. As brancas deitadas, dando as cabeças para os cafunés e a cata dos piolhos. E as negras vão lhe contando as suas histórias, fazendo os seus enredos, pedindo os seus favores. (REGO, 1986, p. 150).

[*Usina*] A filha do sertanejo seduzira o menino. D. Dondon sabia como era aquela história. (REGO, 1980a, p. 208).

Carlinhos inicia sua narrativa afirmando a igualdade entre as mulheres brancas e negras e, no entanto, a posição das mulheres brancas, como a Tia Maria, de *Menino de engenho*, revela uma hierarquia entre essas mulheres. Embora o narrador afirme que elas são iguais, a cena que o escritor descreve revela o contrário. A branca recebe cafunés enquanto a negra trabalha catando seus piolhos e aproveita para tentar conseguir favores de sua senhora. Da mesma forma, D. Dondon, de *Usina*, usineira e ex-senhora de engenho, apesar de sofrer calada todas as traições de seu marido Juca, filho do então falecido coronel José Paulino, não hesita em responsabilizar uma sertaneja, branca e pobre, pelos abusos que seu filho cometeu. O filho de D. Dondon deflorou a sertaneja, filha de um empregado da Usina Bom Jesus, mas a culpa era da pobre, ela o seduzira.

Mulheres brancas e ricas, como D. Dondon, sofrem diversas violências nas narrativas de José Lins. A abertura de *Menino de Engenho* é com a morte da mãe de Carlinhos, assassinada pelo próprio marido. D. Judite, professora de Carlinhos também apanhava do marido e o menino se angustiava ao perceber os sofrimentos dela. Clarisse, a filha de Juca, é uma personagem mais independente. Sob influência de uma americana, ela se moderniza: fuma, dirige uma baratinha, sai sozinha com rapazes e é malvista pela família. Com essas personagens femininas, estamos bem próximos de representações que dão conta do cotidiano das mulheres no início do século XX, analisadas pela americana Susan Besse em *Modernizando a desigualdade. Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940* (1999).

Em sua pesquisa, Besse aborda a questão da sujeição da mulher branca, de classe média e alta no Brasil, e elenca os mecanismos que promovem uma abertura para as reivindicações femininas: decadência do patriarcado, independência dos filhos de senhores e fazendeiros como profissional liberal, educação feminina, costumes modernos difundidos pelo cinema americano (vestimenta, carro, cigarro, etc), ampliação do mercado de trabalho, urbanização, e outros que possibilitam certa independência

feminina: “posturas novas acompanhavam a nova moda no vestir. Abandonando as velhas regras de comportamento educado, as mulheres começaram a tomar banho de sol na praia, a falar gíria e a fumar em público” era um ideal que chegava pelas mulheres do cinema e pelas estrangeiras (BESSE, 1999, p. 32). A amizade da filha do usineiro Juca com uma americana, em *Usina* (1936), representa a ideia de modernização do comportamento feminino e o medo da subversão da mulher brasileira e seus costumes.

Besse observa que, se por um lado, essa brasileira moderna passa a representar o progresso nacional, por outro, ela será considerada uma ameaça a tradição nacional. Tal aspecto fica bem evidente quando lembramos que Gilberto Freyre defendia a permanência da mulher nas atividades domésticas e religiosas, como confirma o *Manifesto Regionalista* (1996) escrito pelo sociólogo na década de 1920. A tradição que Freyre defende no regionalismo vai muito além dos edifícios e culinária, está na preservação e continuidade de relações sociais de dominação entre senhor e liberto, e entre homem e mulher.

A iniciação sexual dos meninos de engenho

Em *Fogo Morto* (1943), a história de D. Amélia, esposa do senhor do engenho Santa Fé, é comovente. Senhora de um engenho decadente, ela vende ovos escondido do marido para alimentar a casa falida. Contudo, todas as senhoras de engenho possuem um olhar preconceituoso sobre as pobres, em especial, as negras e mestiças. E quando sofrem com as traições de um marido, um “pai d’égua”, colocam a responsabilidade sobre as amantes. Para elas, são as negras, as sertanejas do engenho que se oferecem como amantes. Algumas senhoras de engenho mandam dar uma surra na rival, outras ajudam a cuidar dos filhos ilegítimos de seus maridos. A responsabilidade nunca cai sobre os homens, o comportamento deles é visto sempre como natural, instintivo. Eles eram tentados.

Tanto no romance autobiográfico *Menino de engenho* (1932) quanto na autobiografia *Meus Verdes Anos* (1956), a iniciação sexual do neto do senhor de engenho era com as negras da casa, mulheres caracterizadas como “demônio” que os tentava, os perseguia, até se renderem a carne. Essa imagem da mulher negra nos remete as representações de Gilberto Freyre:

As negras e mulatas surgiam, em suas páginas [de Freyre], como “areia gulosa”, em que os meninos brancos da classe senhorial davam início a sua precoce depravação, ao mesmo tempo que preservavam a pureza e a integridade das sinhás e sinhazinhas. “A virtude da senhora branca”, escreve Freyre, “apoiá-se em grande parte na prostituição da escrava negra”. (VENTURA, 2000, p. 54, *grifos nossos*).

De fato, era assim que se conservavam as mulheres brancas para o casamento, distinguindo-as das outras e tornando-as, assim, superiores às negras e mestiças. Em *Doidinho* (1933), relembando suas aventuras sexuais, Carlinhos diz: “Luísa, Zefa Cajá, negra Paula, o diabo deu a vocês três uns poderes a que eu não sabia resistir”. (REGO, 1998, p. 55). No entanto, o amor para Carlinhos só chega através de mulheres brancas: a prima Maria Clara (*Menino de engenho*), a estudante Maria Luísa (*Doidinho*) e a prima Maria Alice (*Banguê*).

A diferença é tanta que Carlos de Melo, em *Banguê*, teme que Maria Alice descubra que a negra Maria Chica espera um filho seu: “E se Maria Alice soubesse, eu estaria perdido. Ficaria com nojo do amante que se metia com negras e caboclas do engenho como seus avós, usando os seus escravos até para isto”. (REGO, 1993a, p. 65). A reação que Carlos espera de Maria Alice é a mesma que tem a personagem Conceição, em *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz.

Conceição, que flertava com o primo Vicente, se revolta ao saber que ele se relacionava com Zefa: “Uma cabra, uma cunhã à toa, de cabelo pixaim e dente podre!” (QUEIROZ, 1992, p. 36; 37). Ao saber da história, sua avó, Dona Inácia não se surpreende, o que irrita ainda mais a neta: “Então Mãe Nácia acha uma tolice um moço branco andar se sujando com negras?”. A avó retruca: “Mas minha filha, isso acontece com todos... Homem branco no sertão [...] Além disso, não é uma negra; é uma caboclinha clara...” e conclui que “no fim tudo isso é natural e de se esperar, e a gente se acostuma à força...”, mas Conceição jura que não se acostumará e se afasta do primo, terminando sozinha e solteirona (QUEIROZ, 1992, p. 38; 39). A condição feminina, de submissão e conformidade, representada por D. Inácia, incomoda Conceição, mas há limites – é a condição da mulher de sua classe social e de sua cor que a perturbam.

Órfãs e pobres: os traumas da infância

O destino das meninas pobres é sempre triste e suas opções, extremamente

limitadas. Casos de pancadas e abusos sexuais são frequentes nas narrativas desses romancistas. A Sinhazinha, tia-avó de Carlinhos, tinha sempre uma negrinha para dar pancadas e explorar (*Menino de engenho*, p. 58 e *Banguê*, p. 15), e, no entanto, era uma das poucas mulheres de sua narrativa que não aceitava as traições do marido e, por isso, acabou devolvida para a família. Na autobiografia *Meus Verdes Anos*, existe também uma tia-avó Sinhazinha com as mesmas ruindades (p. 203).

Em *Meus Verdes Anos*, ao contrário do personagem Carlinhos, José Lins tem duas tias, a Maria e a Naninha, e vai morar com a segunda, depois que ela se casa, deixando para trás o engenho do avô. Na casa dos tios, na vila do Pilar, ele não se sente querido pelo marido de Naninha, mas logo vai para o colégio e esse sofrimento acaba. Entretanto, nos interessa aqui que Tia Naninha, tão boa para o sobrinho, pega uma menina pobre e órfã para “criar”.

Tia Naninha criava uma menina chamada Virgínia. Devia ser uma subnormal porque não parecia pessoa como as outras. Desde a manhã com a vassoura na mão, começava a receber as bárbaras lições da Tia Naninha. A menina Virgínia não temia as pancadas. Ficava indiferente aos gritos da minha tia e, quando as lapadas do espanador cobriam-lhe o corpo, só fazia chorar fino, mas chorar como animal, passiva, sem uma chama de revolta. Os gritos da Tia Naninha escutavam-se do outro lado da rua, enchendo a vila de violência. E tanto batia na pobre Virgínia que eu ouvi o marido dizendo-lhe:

– Naninha, vieram me falar. É que o juiz quer tomar providências sobre esta órfã Virgínia. Lembro-me da cara de fúria da minha tia. Todas as vontades de senhora de escravo lhe estouraram na voz:

– Este doutor Samuel não tem vergonha. Vou mandar dizer a papai.

[...] O marido quis tomar uma resolução para evitar aqueles murmúrios da vila. Mas não foi possível. Virgínia não tinha pai e nem mãe. Era sozinha. Tinha mesmo que aguentar os castigos.

(REGO, 1956, p. 290-291).

O destino de Virgínia fora aquele, sofrer calada. Em meados de 1920, ainda eram preservadas “as vontades de senhora de escravo”. Cada vez que Tia Naninha se aborrecia e brigava com o marido, era em Virgínia que despejada com violência suas frustrações. Sob o pretexto da caridade, da bondade de se dar casa e comida a uma pobre, eram cometidas grandes injustiças e violências. Violências físicas e psicológicas. Jorge Amado também denunciou esses abusos em seus romances: *Cacau* (1974b) e *Jubiabá* (1974d), no qual sofreram os órfãos Amélia, Antônio Balduino e Arminda. Antes de morrer, Raimunda pede ao coronel que cuide de sua filha, Amélia, de catorze anos.

Ela ficou cria do coronel em Ilhéus. Servia de cavalo para os filhos do patrão, varria a casa e ia buscar água na fonte. Comia os restos e apanhava a todo momento. Um dia revoltou-se. Deu nos que a cavalgavam. Mordeu-os. Xingou. Chorou muito. Apanhou tanto nesse dia que da rua ouviam os seus gritos.

À vizinha que acudiu, d. Clara explicou:

– A gente faz a caridade de amparar essas misérias e elas são malcriadas, não fazem nada bem feito. Calcule que mordeu Jaime e bateu em Joãozinho. Depois soltou um bocado de nomes feios. Só surra grossa. Senão não endireita... (AMADO, 1974b, p. 178).

Órfão, Balduíno era criado por uma tia no Morro do Capa Negro, em Salvador. Quando a tia enlouquece, o menino fica sob os cuidados de um comendador português. Ali, as agressões que o menino sofre são cometidas pela cozinheira da casa, uma portuguesa que não se conforma que seus patrões ajudem um negro: “Assim ia correndo a sua vida, entre brincadeiras com Lindinalva”, a filha do comendador, “e brigas com Amélia que diariamente fazia queixa a dona Maria das 'molecagens deste negro sujo' e lhe dava, às escondidas, surras ferozes”. (AMADO, 1974d, p. 57).

Nesse caso, a violência de senhoras e senhores brancos é estendida às mulheres brancas e pobres. Em ambos os casos, os órfãos respondem pelas frustrações dessas mulheres. Balduíno pensa em fugir, mas se sente preso aquela casa por sua amizade a Lindinalva. O órfão suporta aquela situação por três anos, até que Amélia, movida por um ciúme doentio, faz intrigas sobre o garoto. Ela diz ao comendador que o menino andava espiando Lindinalva no banho:

– Então, moleque descarado, eu lhe crio como a um filho, lhe ajudo e você fica fazendo molecagem aí... [...]

Lindinalva saiu quase chorando. Balduíno quis dizer que era mentira, mas como estavam acreditando em Amélia não disse nada. Apanhou uma surra medonha, que o deixou estendido, o corpo todo doendo. Mas não era só o corpo que doía. Doía-lhe o coração porque não tinham acreditado nele. (AMADO, 1974d, p. 61).

Essa será a primeira e a última surra que o comendador dá em Balduíno e deixa evidente de que a afirmação de que ele cria Baldo como um filho não correspondia a realidade. Se tivesse um filho homem, o comendador o mandaria realizar as mesmas tarefas que dava a Baldo? O então menino Balduíno prestava serviços, pequenos afazeres em troca do teto e da comida que recebia: “O trabalho na casa do comendador não era grande: copeirava, lavava os pratos, ia às feiras, fazia recados” (AMADO, 1974d, p. 61).

Mais tarde, Balduíno adulto, vai tentar a sorte trabalhando em plantações de fumo onde descobrirá que na roça meninas de doze anos já serviam para mulher. Ele mesmo é

um dos cabras que se interessam pela órfã Arminda e tenta abusar dela durante o velório da mãe recém-falecida. Balduíno, no entanto, é detido por uma visão da mãe morta que se levanta do caixão para proteger a filha. No entanto, os outros cabras não tem a mesma alucinação de Balduíno e a órfã Arminda passa a ser disputada entre eles:

Essa é a lei das plantações de fumo. Mulher é bicho raro e quando uma fica sem homem encontra logo outro que a leva para casa. A não ser que ela prefira ir para as ruas de mulheres da vida em Cachoeira, em São Félix, em Feira de Santana. Aí sim seria uma malvadeza. Porque ela é uma menina de doze anos e todos a quererão. Depois ela ficará velha e tomará cachaça, não lavará mais os cabelos, seus seios murcharão, terá doenças ruins, terá quarenta anos no dia que completar quinze. Talvez tome veneno. Outras se jogam no rio nas noites escuras... era melhor que ela ficasse com Zequinha, colhendo fumo nos campos. (AMADO, 1974d, p. 175).

Balduíno sofreu, mas como já vimos aqui, uma menina pobre tinha um destino mais triste e mais violento, disfarçado sempre sob o véu de caridade que seus tutores usavam ou até mesmo, companheiros e maridos. A mulher do coronel, em *Jubiabá*, se indignou com a revolta de Amélia: “A gente faz a caridade de amparar essas misérias e elas são malcriadas, não fazem nada bem feito” (p. 178). Era esperado que Amélia aceitasse passivamente todas as violências a que era submetida, e chorasse baixinho, criando um aspecto subnormal, como o da pequena Virgínia de *Meus Verdes Anos*. A força das vontades de uma senhora de engenho também aparece na personagem D. Iaiá, em *Usina*, sob outras circunstâncias. O pai da sertaneja desonrada dá queixa à polícia contra o filho do Dr. Juca, e D. Dondon pede ajuda a uma parente:

Iaiá de Trombone achava um desaforo que fizessem processo com o filho de Juca. A velha gritou para o marido:

– Mande chamar o meu compadre José Marreira. Quando *aquele negro* chegar aqui ele vai ouvir. Então ele pensa que filho de Juca é para estar metido em processo? Um desaforo. [...]

O sertanejo ficou com a filha, desfeitado. Foi ao Pilar mais de uma vez saber do processo. Por fim desapareceu da usina. [...]

Outros porém se acostumavam com as filhas em estado idêntico. (REGO, 1980a, p. 208, *grifos nossos*).

Se por um lado, percebemos na reação de D. Iaiá as vontades de uma senhora, que em meados de 1930 ainda se julgava dona de escravos, também é visível a angústia de sua classe social diante de uma nova ordem. Senhores decadentes, não aceitam que possam abrir processos na polícia contra seus filhos.

O narrador, no entanto, nos adverte: a reação do sertanejo não era uma regra,

muitos se acostumavam com a desonra das filhas. Na verdade, na maioria das representações de casos como o dessa sertaneja, as moças são expulsas de casa e acabam se prostituindo. Jorge Amado não nos conta, mas é muito provável que esse teria sido o destino de Raimunda, em *Cacau*. José Lins, por sua vez, em *Usina*, nos apresentou as histórias das prostitutas Clarinda (da pensão da Mimi) e Maria do Carmo e Lúcia (pensão Peixe-boi). Essas, contudo, não eram órfãs; foram tiradas de suas casas para satisfazerem os desejos sexuais de coronéis. Clarinda era filha de lavrador e foi deflorada pelo coronel. Expulsa de casa pelo pai, passa um tempo sob os cuidados do coronel, até que ele a manda para a pensão da Mimi, uma casa de prostituição:

E foi assim até que na beira do riacho da levada ela conheceu que a vida era boa. Depois saiu de casa e andou por outros lugares. Esteve na cidade do Cabo, até que veio para Jacqueline, a mandado dele [do coronel]. E continuou do coronel da Imbu meses ainda. Depois ele se esqueceu e ela conheceu outros. E outros iam pagando os seus vestidos. (REGO, 1980a, p. 56).

A narrativa da desonra de Clarinda é bastante sutil, levando o leitor a entender que era mesmo consentida. Já na pensão Peixe-boi, da D. Júlia, Maria do Carmo “fora ofendida por um senhor de engenho” e Lúcia fora levada para lá pelo “senhorzinho do Bacuri” que “fizera mal a menina. Era filha de um feitor dele”. (REGO, 1980a, p. 62). Quando o usineiro Juca perde a usina, devido a um empréstimo que fizera e a baixa da cana-de-açúcar, Clarinda volta a conhecer outros homens e vai mesmo para a outra pensão, onde D. Júlia permitia que suas meninas amassem, desde que cumprissem com suas obrigações. Era uma cafetina diferente de Jacqueline, da pensão da Mimi, que odiava a história de *Lucíola* (1988), famoso romance de José de Alencar do século XIX. Ao citar o romance de José Alencar, José Lins remete o leitor a uma referência na literatura brasileira que aborda a degradação feminina através da prostituição.

Sendo a prostituição um dos derivativos da miséria, frequentemente inspirou os nossos romancistas que buscaram retratar o mundo periférico da sociedade, acentuando, com piedade ou com revolta, a situação subumana em que vive parte da população, sem todavia, por o dedo nas causas. (LUCAS, 1985, p. 31).

A referência de Fábio Lucas será justamente o caso do romance *Lucíola*. No entanto, o pesquisador também aponta que romances como o de José de Alencar, acabavam não tratando das causas que levavam essas personagens femininas à prostituição. Acreditamos que os regionalistas de 30 deram um passo à frente nesse

sentido. Mesmo sem querer abordar profundamente as causas, José Lins mostra que as histórias se repetem: Clarinda, Maria do Carmo e Lúcia. E Jorge Amado, por sua vez, será bastante enfático nessas denúncias.

Silenciamentos e as frágeis mobilidades sociais

Desde *Menino de engenho*, José Lins fala dos abusos dos coronéis e seus filhos. O menino Carlinhos acompanha o caso do negro Chico Pereira, que seu avô manda colocar no tronco até que confesse que desonrou Maria Pia e ajeite tudo se casando com ela. No entanto, Chico Pereira alega que não fizera aquilo.

Chico Pereira era cambiteiro, moleque chibante da bagaceira, cheio de ditos e nomes obscenos. Todo mundo acreditava que tivesse sido ele mesmo o autor do malfeito na mulata Maria Pia. A mãe da ofendida viera dar queixa ao meu avô, botando a coisa pra cima de Chico Pereira. E no tronco ele ficaria até se resolver a casar com a sua vítima. (REGO, 1986, p. 87).

Chico Pereira resiste e diante da insistente alegação de inocência do negro, o coronel Zé Paulino desconfia da denúncia de Maria Pia e manda que ela diga diante da bíblia o nome de seu mau feitor. Assustada ela confessa: “Juro que foi o Dr. Juca quem me fez mal”. (REGO, 1986, p. 89). O coronel manda soltar Chico Pereira do tronco e dá uma bronca no filho Juca. Contudo, a desonra de Maria Pia fica por isso mesmo. O coronel não obrigou seu filho a reparar o malfeito.

Quando [meu avô] brigou com o tio Juca por causa da mulata Maria Pia, ouvi a negra Generosa dizendo na cozinha:

– Quem fala! Quando era mais moço, parecia um pai-d’égua atrás das negras. O seu Juca teve a quem puxar. (REGO, 1986, p. 161-162).

Mais adiante, Carlinhos acaba admitindo admirar o tio: “Achava boa a vida do tio Juca. Eu queria ser como ele”. (REGO, 1986, p. 92). Ainda assim, Carlinhos avaliará em *Doidinho* (1933) a injustiça daquela situação. Ao ouvir as histórias da negra Francisca, ele conclui: “O dono da terra fizera mal. Os pobres lhe pagavam este foro sinistro – a virgindade das filhas. O tio Juca era outro que me chegava agora, naquele momento, outro que devia muitas contas a Deus pelos seus pecados. Já tinha passado nos peitos não sei quantas”. (REGO, 1998, p. 42). Em *Banguê* (1934), contudo, o desejo inicial de Carlinhos se concretiza. Ele engravida a negra Maria Chica e não assume a

criança. E quando é abandonado por Maria Alice, sai desesperado pelo engenho e toma à força a mulher de um dos empregados:

Vi uma luz vermelha de candeeiro lá embaixo, no rio. Quem estaria por ali àquela hora? Na certa pescaria, gente atrás das traíras. Capaz de ser mulher. Fui descendo. E era. Cheguei-me para perto. Estava meio nua. Quando me viu junto, procurou correr, mas ficou dentro d'água, escondendo-se de mim. Reconheci a mulher do Zé Guedes. Tive vontade nela. Chamei-a. E se escondia dentro d'água. *Não pude me conter e fui a ela*, com desespero.

Quando voltei de lá era mais infeliz. [...]

Zé Guedes pegou no estribo para eu descer. Tinha comido a mulher dele de noite. (REGO, 1993a, p. 77; 78, *grifos nossos*).

Com a morte do avô, Carlos herda o engenho Santa Rosa e suas ações em relação as mulheres pobres do engenho se agravam. As mulheres pobres do engenho são coisificadas e ele acredita que elas, como todas as coisas do engenho, lhe pertencem.

Eu tinha um engenho. Dormia tranquilo, com a certeza de que, de manhã, acordaria no que era meu. Mandava em tudo. Os cabras chegavam no alpendre para pedir. Eu dava e negava as coisas, botava para fora, olhava para os paus-d'arco floridos, flamboaiã, os mulungus encarnados. Eram meus. Podia mandar derrubar a Mata do Rolo quando quisesse, comer todas as mulheres do Santa Rosa. Eram minhas. (REGO, 1986, p. 110, *grifos nossos*).

Assim percebemos que a *reificação* indicada por Lafetá (1977) na análise de *São Bernardo* (1936), de Graciliano Ramos, já era manifesta em *Banguê* (1933), de José Lins. O trecho a seguir aproxima o protagonista Paulo Honório e o Carlos de Melo:

Rosa do Marciano atravessava o riacho. Erguia as saias até a cintura. Depois que passava o lugar mais fundo ia baixando as saias. Alcançava a margem, ficava um instante de pernas abertas, escorrendo água, e saía torcendo-se, com um remeio de bunda que era mesmo uma tentação. (p. 142)

Ali pelos cafus descí as escadas, bastante satisfeito. Apesar de ser indivíduo medianamente impressionável, convenci-me de que este mundo não é mau. [...]

Bichos. As criaturas que me serviam durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os currais que se escoram uns aos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus. (p. 166). (RAMOS, 1977, p. 142-143; 166).

Dessa forma, tanto Paulo Honório quanto Carlos de Melo coisificam tudo o que os cerca e se sentem seguros com a dominação que exercem sobre a terra, as coisas e as pessoas. Contudo, o protagonista de Graciliano Ramos é marcado por uma rudeza que o afasta do sentimentalismo que parece tomar conta do protagonista de José Lins.

O cinismo será recorrente em Carlos. Ao observar a situação das mulheres pobres

do engenho, ele conclui que as que conseguiam deitar com o senhor de engenho tinham sorte pois eram bem tratadas, comiam mais, a família era protegida e, ainda: “O pai deixava o eito, não pagava foro para o roçado, dava-se a importante para os outros. A menina, na cama de varas, garantia estes luxos” (REGO, 1993a, p. 96). Ora, tornar-se rapariga do senhor de engenho era uma forma de ascensão social.

Será acreditando nisso que algumas mulheres pobres se aproximam de seus senhores, como mostram alguns romances. Por isso, alguns pais até estimulavam a aproximação entre suas filhas e os coronéis. Em certa medida, esse quadro justificará a desconfiança que vimos em D. Dondon e a ideia de que essas mulheres eram “demônios” e se ofereciam aos seus senhores. O problema é que D. Dondon e outros personagens de seu estrato social não se reconhecem como os responsáveis pela miséria desses pais e dessas filhas. Assim, se a prostituição torna-se uma saída para minimizar a miséria em que vivem é porque é uma das poucas brechas que oferecidas para a mobilidade social dessas mulheres.

Era uma filha de Pinheiro. *O pai me mandava pedir as coisas por ela. Sabia eu o que o safado queria.* Nicolau me disse uma vez que ele estava roubando as minhas mandiocas. Mandei recado para Pinheiro e veio a filha. Entrou no meu quarto para falar. E de dentro da rede fui-lhe ouvindo. O pai adoecera, não podia andar. Por isto não acudia o recado. E ficou segurando no punho da rede, olhando para mim. Os olhos eram verdes, de um verde mesmo de olho de mulher ruim. Estive quase que puxando a bicha para os meus braços. Dominou-me o medo de que fosse esquiva e se saísse com gritos ali dentro. [...] Tinha cem sacas de lã e açúcar purgado para vender. *Pinheiro estava doido para me passar a filha. Negócio para ele: uma filha, rapariga de um senhor de engenho, solteiro.* (REGO, 1993a, p. 113; 127, *grifos nossos*).

O desejo de Carlos não se materializa. A garota foge com um rapaz por quem estava apaixonada. É interessante observar que a mania que a menina tinha de não tomar banho, que tanto desagradava Carlos de Melo, podia ser um meio de manter homens como o senhor de engenho afastados, protegendo-se assim desses desejos violentos: “A filha de Pinheiro sempre me vinha pedir as coisas. De pés descalços e suja. Se aquela diaba se limpasse, seria uma tentação. [...] Valeria a pena se tomasse um banho. E o rio tão perto!” (REGO, 1993a, p. 126).

Um outro pai satisfeito com a prostituição da filha será Irineu, em *São Jorge dos Ilhéus* (1974e), de Jorge Amado. Neste, Rita, ao contrário da filha do Pinheiro, se oferece por livre e espontânea vontade ao coronel: “Os trabalhadores se afastam, apenas Rita, a filha de Irineu ficou onde estava, sorrindo para o coronel”. (AMADO, 1974e, p.

121). Dona Augusta, mulher do coronel Frederico percebe as intenções de Rita:

O que a mulatinha queria, ela estava vendo: era se jogar em cima de Frederico, deitar com ele, arranjar casa em Pirangi. (AMADO, 1974e, p. 122).

Dona Augusta come em silêncio. Também ela remói pensamentos. Pensa em Frederico, nos filhos, nas fazendas. Pensa em Rita, a filha de Irineu. A burrinha estava se atirando em cima do coronel, quem não via logo... e ele, naturalmente, dava corda... Irineu, com certeza, ajudava, doido por ver a filha na cama com o coronel, o dinheiro escorrendo, a família se mudando para Pirangi, saldo todas as semanas na conta do tropeiro... (AMADO, 1974e, p. 124).

Os pensamentos de D. Augusta se aproximam de D. Dondon, personagem de José Lins que já apresentamos aqui. Ambas acreditam que essas mulheres pobres ludibriam seus maridos, filhos, netos e que a reação deles era natural e instintiva.

O coronel Frederico, no entanto, resiste a Rita, pois tem uma amante estrangeira em Ilhéus e estava apaixonado. Só depois que esse relacionamento termina é que ele toma Rita como amante, e a passagem a seguir confirma os receios de Dona Augusta:

Rita largava o terno, atrás do coronel. O pai continuava tropeiro na fazenda, quando ia levar cacau [em Pirangi] dormia na casa da filha. O Varapau apresentava-o aos “alugados” recém-contratados:

– É o sogro do coronel... (AMADO, 1974e, p. 253).

Mesmo revelando as conquistas de Rita através de sua prostituição ao coronel, o trecho acima tem certa ironia ao nomear Irineu “sogro do coronel”, pois ao mesmo tempo que revela que o tropeiro é beneficiado pela nova condição da filha, mostra que é uma condição ilegítima. Além disso, nesses romances essa é também uma situação transitória. Como já vimos em vários personagens, o coronel se cansa de suas conquistas e parte para outras. E as amantes perdem suas casas e acabam na explícita prostituição em casas de pensão. O destino de Rita não será diferente. Abandonada pelo coronel Frederico depois da baixa do cacau que arrasa fazendeiros e pequenos lavradores, Rita perde os benefícios conquistados com a prostituição voluntária de seu corpo e, com um filho ilegítimo do coronel nos braços, se muda para a rua das rameiras. Sua história não era muito diferente das outras prostitutas:

Vinham, sim, das fazendas. Das mãos dos coronéis, dos filhos dos coronéis, dos capatazes. Esses eram os primeiros, era um direito, fazia parte da lei que regulava a vida nos cacauais. Depois passavam de mão em mão, caíam naquela rua, igual em todos os povoados, a rua das mulheres, quase sempre a *Rua da Lama*. [...]

Rua de mulheres perdidas onde sobravam crianças sem pai, futuros “alugados” nas roças. Filhos, em geral, dos coronéis. (AMADO, 1974e, p. 313-314).

A primeira vez que a expressão “Rua da Lama” aparece entre os romancistas nordestinos de 30 é em *Cacau* (1933), de Jorge Amado. Depois, aparece em *Doidinho* (1934), de José Lins do Rego; em *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos; e retorna, através de Jorge Amado, em *São Jorge dos Ilhéus* (1944), como vimos no trecho acima. Para além disso, esses romances se passavam em lugares diferentes: os de Jorge Amado na Bahia, o de José Lins na Paraíba e o de Graciliano Ramos em Alagoas.

Rachel de Queiroz, única mulher entre os romancistas nordestinos de 30 aqui analisados, não usou a expressão *rua da lama* em nenhum de seus romances. Contudo, também se mostrou sensível aos sofrimentos que afligem mulheres de classes populares, negras e mestiças e o caminho da prostituição no encontro de Santinha e Filó, em *João Miguel* (1984). A escritora dar-lhes voz e apresenta ao leitor seus sofrimentos. O preso, seu Zé, certo dia disse a João: “Para mim, a qualidade de gente de sorte mais desgraçada que tem no mundo é mulher...” (QUEIROZ, 1984, p. 81). A fala de seu Zé não faz distinção social e nem de cor entre as mulheres, mas pela galeria feminina de *João Miguel* podemos inferir que ele fala, sobretudo, de mulheres negras, mestiças e pobres que são de sua própria esfera social.

Quando um homem rico acaba preso na mesma cadeia que João Miguel, Filó, seu Zé e Maria Elói, o protagonista simpatiza com o novo prisioneiro e Filó observa, cheia de uma sabedoria e de um rancor que só a experiência de uma vida sofrida proporciona: “Você é muito compadecido com os ricos, seu João... sou capaz de jurar que não foi criado em cozinha de branco”. E Filó conclui, revelando seu passado: “Queria ver se você tivesse, como eu, passado tudo quanto é desgraça em casa de patrão... Acabaram me soltando no mundo, com quinze anos, porque eu estava daquele jeito... e o filho era do moço da casa, bem-dizer meu irmão de criação...” (QUEIROZ, 1984, p. 62). Em *João Miguel*, a trajetória de Filó se aproxima bastante das apresentadas até aqui.

A marca da rua das prostitutas como um lugar de lama remete a um senso comum entre homens romancistas dessa época de que esse era um lugar de devassidão, imoralidade, onde as mulheres chegavam ao fundo do poço. Mesmo nos romances em que a expressão não aparece, o espectro da rua da lama é constante. Jorge Amado usará essa ideia mesmo em romances em que não usa a expressão “rua da lama”, como vemos em *Suor* (1934) e em *Jubiabá* (1935), respectivamente:

A ladeira do Taboão era a última etapa [das prostitutas]. Dali, ou o necrotério ou o hospital. (AMADO, 1974c, p. 300).

Lindinalva desceu várias ladeiras. Foi ficar bem perto da cidade baixa, foi ficar na Ladeira do Taboão. Da Ladeira do Taboão as mulheres [prostitutas] só saíam ou para o hospital ou para o necrotério. (AMADO, 1974d, p. 258).

Vejam os a seguir como a “rua da lama” aparece nos primeiros romances de 1930.

O trecho abaixo é de *Cacau* (1933), de Jorge Amado:

O estudante parava o burro para olhar as coxas de Zilda, bem grossas apesar de dez anos. Um dia Osório vinha para o povoado. O velho Ascenço estava em Pirangi e Zilda arrumava a casa. Começou a chover e Osório pediu agasalho. Não respeitou os dez anos de Zilda. Tragédia de gente pobre: um pai que bota a filha para fora de casa e morre de desgosto. (AMADO, 1974b, p. 163).

Zilda é mais uma das pobres defloradas por um filho de coronel e, com seus dez anos de idade, é difícil crer que, naquela época, pudesse ter consentido com a violência. Seu Ascenço expulsa a filha de casa e Zilda, sem recursos, vai parar na rua da lama. Sem outros horizontes, a menina passa a esperar o retorno do filho do coronel e se suicida, quando ele retorna e não a reconhece.

A roceira Magnólia será a nova vítima do mesmo Osório, o filho do coronel. Mais velha, ela se sente atraída pelo rapaz e acaba cedendo aos apelos dele. Embora tenha consentido com o ato sexual, Magnólia é expulsa da casa dos pais, assim como Zilda, e vai parar na rua da lama. (AMADO, 1974b, p. 205). Na galeria masculina dos romances nordestinos de 30, os Osórios, os Carlinhos, os Jucas, os Juliões Tavares serão constantes: “As passagens desses jovens e esperançosos cultores do direito pelas fazendas deixava sempre um rastro de sangue de virgens defloradas. Deste modo, nunca faltavam mulheres na *Rua da Lama*”. (AMADO, 1974b, p. 202).

Jorge Amado será o escritor mais inflamado na denúncia da prostituição dessas mulheres pobres nos anos 30, pois reconhece com profundidade as causas de sua condição miserável e clama para que essas mulheres se revoltem:

Pobres mulheres, que choravam, rezavam e se embriagavam na *Rua da Lama*. Pobres operárias do sexo. Quando chegará o dia da vossa libertação?

Quantos mananciais de carinhos perdidos, quantas boas mães e boas trabalhadoras. Pobre de vós, a quem as senhoras casadas não dão direito nem ao reino do Céu. Mas *os ricos não se envergonham da prostituição. Contentam-se em desprezar as infelizes. Esquecem-se que foram eles que as lançaram ali.* (AMADO, 1974b, p. 164, *grifos nossos*).

O único filho de coronel que foge do perfil traçado por Jorge Amado e José Lins

do Rego é Lúcio, em *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida – livro precursor do romance regionalista nordestino de 30. Lúcio respeita a sertaneja Soledade e quer se casar com ela. No entanto, os abusos de seu pai, Dagoberto, correspondem aos dos coronéis aqui citados: Dagoberto força Soledade e torna-a sua amante.

Durante um passeio pela cidade de Itabuna com os colegas, Carlinhos observa a rua das prostitutas: “À tarde nos levaram a passear nos arredores da cidade. Passamos pela *rua da Lama*, a rua das mulheres à-toa, sem olhar para as janelas das casas”. (REGO, 1998, p. 45). Neste romance, embora a expressão “rua da lama” apareça sem grande destaque, sua citação nos remete aos valores já apontados.

O aborto como alternativa na escrita de Graciliano Ramos

O personagem Luís da Silva, em *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos, usará a expressão “rua da lama” de forma mais enérgica do que o Carlinhos de José Lins do Rego e, ao mesmo tempo, menos inflamada do que os narradores de Jorge Amado. Por isso mesmo, Graciliano Ramos alcançou nesse romance uma visão crítica ainda mais ampla sobre as condições das mulheres negras (Quitéria) e brancas (Marina) pobres.

Luís da Silva, neto destronado de um Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, vive modestamente numa casa alugada e interessa-se por sua vizinha, Marina. Ficam noivos, mas Marina é vaidosa e tem ambições: “Aqui me preocupando com aquela burra! Unhas pintadas, beijos pintados, biblioteca das moças, preguiça, admiração a D. Mercedes – total: *Rua da Lama*. Acaba na *Rua da Lama*, sangrando na pedra-lipes” (RAMOS, 1990, p. 43).

Angustiado e, talvez, prevendo o futuro rompimento de seu noivado com Marina, Luís procura uma prostituta para se distrair. A prostituta o leva para sua casa que fica na rua da lama. Luís não se anima em ir para a cama com a mulher, prefere desabafar suas angústias e, por fim, aconselha a prostituta a mudar de vida: “Ora, outra vida! Que vida? Sempre os mesmos conselhos. Daqui só a cova” – retruca a personagem. (RAMOS, 1990, p. 81). A fala da prostituta indica a consciência que ela própria tinha de seu fim trágico, sua realidade não lhe dava outra saída.

Mais tarde, Luís pensa em Marina, e conclui que escolher marido por dinheiro era a pior espécie de prostituição. Devemos lembrar, contudo, que nessa época “se, para o

homem, realização significava êxito profissional, para a mulher significava casar-se bem” (BESSE, 1999, p. 54). Não queremos com isso desculpar ou defender as ambições de Marina, mas chamar a atenção para a situação da mulher no início do século XX. Muitas mulheres, como a personagem Marina, sabiam o que as esperava num emprego no comércio: beliscões, abusos e assédio. Se a independência financeira só poderia ser limitada e implicava em certas sujeições, a escolha de um marido rico era a melhor alternativa para muitas mulheres.

Marina rompe o noivado com Luís e começa a namorar o rico Julião Tavares. Antes disso, contudo, Luís já não gostava de Julião. O ar de superioridade que ele tinha, a maneira como gostava de se gabar, irritavam Luís. Embora o namoro de Julião com Marina venha acentuar essa antipatia, o ódio primeiro de Luís por Julião estava na forma benevolente com que a sociedade o tratava: “Meses atrás se entalara num processo de defloração, de que se tinha livrado graças ao dinheiro do pai. Com o olho guloso em cima das mulheres bonitas, estava mesmo precisando uma surra”. (RAMOS, 1990 p. 75). Sobre Marina, Luís da Silva chega à conclusão que ela não lhe pertence, não é um objeto seu.

Que me importava que Marina fosse de outro? *As mulheres não são de ninguém, não têm dono.* Sinhá Germana fora de Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, só dele, mas há que tempo! Trajano possuía escravos, prendera cabras no tronco. E os cangaceiros, vendo-o, varriam o chão com a aba do chapéu de couro. Tudo agora diferente. Sinhá Germana nunca havia trasjetado: ali no duro, as costas calejando a esfregar-se no couro cru do leito de Trajano - “Sinhá Germana!”. E sinhá Germana, doente ou com saúde, quisesse ou não quisesse, lá estava pronta, livre de desejos, tranquila, para o rápido amor dos brutos. Malícia nenhuma. *Como a cidade me afastara de meus avós!* (RAMOS, 1990, p. 101-102, *grifos nossos*).

Luís da Silva observa os entusiasmos da vizinha com o novo namorado e quando descobre que ela está grávida e fora abandonada por Julião, pensa no futuro da ex-noiva: “Era encher-se, parir, enjeitar o filho, marchar para a *Rua da Lama*, acabar-se no esquentamento. Um filho na barriga, um filho daquele sem-vergonha. (RAMOS, 1990, p. 155). Marina, branca e pobre, desejou aproximar-se de Julião, como o fizera a Magnólia e Rita, personagens de Jorge Amado, e a certeza de seu fim já era sabido por Luís. Interessado pela sorte de Marina, Luís a segue e vê que ela entra na casa de uma parteira, D. Albertina, para fazer um aborto.

O filho de Julião Tavares não viria ao mundo penar, cantar na escola o hino do Ipiranga,

mover-se no exercício militar, curtir fome nos bancos dos jardins, amolar-se nas repartições, adular nos jornais o governo. E a família de seu Ramalho nada sofreria. Pensando bem, d. Albertina atentara apenas contra Deus e contra a pátria. Se aquilo fosse julgado pelo júri, o promotor gritaria um discurso patético, e os jurados se arrepiariam com indignação. [...]

A justiça e a religião não tomariam conhecimento do caso. (RAMOS, 1990, p. 171- 172).

O destino de Marina, com aquele aborto, agora poderia ser outro. Se fosse discreta talvez arranjasse até um casamento. A ignorância do pai a livraria da rua da lama. Com a solução de Marina, encontramos uma alternativa que não apareceu nas narrativas de nenhum dos outros autores nordestinos citados até aqui.

Lembrava-me de sinhá Germana, de Quitéria, das negras da fazenda. Sinhá Germana só tinha conhecido um homem. As pretas não se envergonhavam de conhecer muitos homens. Que diferença! Descendo de sinhá Germana, que dormiu meio século numa cama dura e nunca teve desejos. [...] Os costumes de sinhá Germana eram superiores aos de Quitéria? Porquê? Não havia porquê, e isto me enraivecia. [...] Marina valia o que tinha valido antes de engrossar a barriga e procurar d. Albertina. [...] De qualquer forma, ela havia diminuído e habituava-se a esgueirar-se, a pedir desculpa a toda gente. Seria para o futuro um trapo como d. Adélia [mãe de Marina]. (RAMOS, 1990, p. 183).

Na passagem acima vemos que a opção de Marina pelo aborto não resolve o problema da submissão de sua condição feminina, o peso daquele segredo, aos olhos de Luís, o agravaria. No entanto, o que queremos destacar aqui é a comparação que o narrador faz entre sua avó Germana, branca e esposa de fazendeiro, e a escrava Quitéria, negra e amante de seu avô Trajano, que também conhecia outros homens: “*Os costumes de sinhá Germana eram superiores aos de Quitéria? Porquê?*” (RAMOS, 1990, p. 183).

O questionamento explícito da distinção entre mulheres de cor e classe social não terá precedente em José Lins do Rego ou Jorge Amado, nas obras analisadas aqui. Admitindo que a negra Quitéria não tinha uma vida sexual regrada como sua avó Germana, Luís da Silva questiona a validade disso, pois sua avó acabou sendo uma escrava sexual de seu avô, infeliz e sem direito de manifestar ou ter desejos próprios.

[As mulheres pobres] Mais livres do que as mulheres de mais recursos para abandonar os maridos ou amantes, quando submetidas a maus tratos, podiam exigir um relacionamento mais equitativo e, quando infelizes, mudar de parceiro. Embora estivessem também sujeitas ao abuso masculino, não eram prisioneiras [no casamento] na mesma medida em que o eram as mulheres das classes média e alta. (BESSE, 1999, p. 48-49).

Essa passagem põe em questão o argumento de promiscuidade sexual que procura desmoralizar as mulheres negras e mestiças em narrativas literárias como as de José Lins do Rego, e também em estudos sociológicos como *Casa-grande & senzala* (1933)

de Gilberto Freyre. Segundo Besse:

A “crise” da família entre os pobres não foi descoberta pelas mulheres pobres mas pelos homens da burguesia, que se preocupavam com as baixas taxas de nupcialidade entre os pobres e com a instabilidade das famílias pobres. Isso era denunciado por eles como evidência da privação moral e do vício, que exigiam séria atenção social. Na verdade, não era novo o fato de os pobres não se casarem legalmente e terem filhos ilegítimos. Até aquela época, o casamento no Brasil fora em grande parte uma instituição de classe média e alta. Os pobres, sem propriedades a defender nem recursos para enfrentar as complicações burocráticas e a despesa do casamento, viviam o mais das vezes em uniões consensuais. Mesmo que aceitassem a moralidade dominante e valorizassem o casamento legal (o que frequentemente faziam), raramente podiam realizá-lo. Ao invés disso, dadas a relativa independência econômica das mulheres pobres e a dificuldade que tinham os homens pobres de desempenhar o papel de arrimo de família, eles moldavam seus próprios padrões morais favoráveis a uniões mais flexíveis e simétricas entre homens e mulheres. (BESSE, 1999, p. 42-43).

Neste sentido, a literatura de Graciliano Ramos se volta para os conflitos de seu tempo, distanciando-se da de José Lins do Rego que está mais comprometida com a estrutura familiar do século XIX e que ainda persiste nas primeiras décadas do século XX, em especial, no campo.

Conclusão

Nas narrativas analisadas até aqui, a forma de exploração de mulheres pobres, em sua esmagadora maioria negra, e a proliferação de filhos ilegítimos são resultados de um sistema abusivo de poder que criou e controlou um ciclo de exploração que garantiu a permanente existência de uma mão-de-obra submissa e de baixo custo. Assim, a modernidade de um novo século chega, mas não elimina os vestígios da escravidão.

Referências bibliográficas

Obras literárias

ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Ática: 1988.

ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. 23ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

AMADO, Jorge. *O país do carnaval*. 27ª ed., São Paulo: Martins, 1974a.

_____. *Cacau*. 27ª ed., São Paulo: Martins, 1974b.

_____. *Suor*. 26ª ed., São Paulo: Martins, 1974c.

- _____. *Jubiabá*. 28ª ed., São Paulo: Martins, 1974d.
- _____. *Terras do sem fim*. 31ª ed., São Paulo: Martins, 1973.
- _____. *São Jorge dos Ilhéus*. 20ª ed., São Paulo: Martins, 1974e.
- QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 49ª ed., Rio de Janeiro: J. Olympio, 1992.
- _____. *João Miguel*. 8ª ed., Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984.
- _____. *Caminho de pedras*. 8ª ed., Rio de Janeiro: J. Olympio, 1985.
- _____. *Memorial de Maria Moura*. São Paulo: Siciliano, 1992.
- QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, M L de. *Tantos anos*. São Paulo: Siciliano, 1998.
- RAMOS, Graciliano. *Caetés*. 9ª ed., São Paulo: Martins, 1970.
- _____. *São Bernardo*. 28ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1977.
- _____. *Angústia*. 37ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1990.
- _____. *Vidas secas*. 30ª ed., São Paulo: Martins, 1972.
- REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 37ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- _____. *Doidinho*. 37ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- _____. *Bangüê*. 15ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1993a.
- _____. *O moleque Ricardo*. 25ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- _____. *Usina*. 10ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1980a.
- _____. *Pureza*. 9ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1980b.
- _____. *Água-mãe*. 9ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1980c.
- _____. *Fogo morto*. 28ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *Eurídice*. 9ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1993b.
- _____. *Meus verdes anos*. 1ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

Textos críticos

- BESSE, Susan. *Modernizando a desigualdade: Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: Edusp, 1999.
- FREYRE, Gilberto. *Manifesto regionalista*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996.
- HELENA, Lúcia. *Modernismo brasileiro e vanguarda*. São Paulo: Ática, 1986.
- LAFETÁ, João Luiz. O mundo à revelia. In: RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 28ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1977. pp. 173-197.
- LIMA, Luiz Costa. Representação social e mimésis. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. pp. 216-236.
- LUCAS, Fabio. *O caráter social da ficção do Brasil*. São Paulo: Ática, 1985.
- KOSMINSKY, Ethel V.; LÉPINE, Claude; PEIXOTO, Fernanda Arêas (Orgs). *Gilberto*

Freyre em quatro tempos. Bauru: EDUSC, 2003.

PEREGRINO, Miriane da C.; PEREIRA, Victor H A. A (im)pertinente: questões de gênero e engajamento na literatura de Rachel de Queiroz. In: *Revista Miscelânea*, Unesp/Assis, vol. 11, 2012.

PEREGRINO, Miriane da Costa. “*Literatura de príncipe herdeiro*” ou *literatura engajada? Dilemas de José Lins do Rego*. 2013. 135 f. Dissertação. (Mestrado em Literatura brasileira). Instituto de Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SEMINÁRIO O Romance de 30 no Nordeste, *Anais*, Fortaleza: UFC/PROED, 1983.

VENTURA, Renato. *Casa-grande & senzala*. São Paulo: Publifolha, 2000.